



VIVÊNCIAS QUE ENSINAM: O RELATO DAS EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR SOB A ÉGIDE DO PIBID

Amanda Santos da Silva¹

Islan Lucas Cruz Mota²

Naiara Silva Alves³

Josenilda Pinto Mesquita⁴

RESUMO

O presente resumo busca apresentar reflexões, observações e intervenções em torno das experiências e aprendizados adquiridos ao longo de duas edições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); a primeira (out. 2022/mar. 2024) no Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira (CEAAT), e atualmente (nov. 2024/dez. 2025) no Colégio da Polícia Militar – Dendezeiros e no Escola Municipal Vida Nova. Durante este período, fomos convidados a observar de maneira atenta e crítica às práticas, processos e dinâmicas que permeiam o contexto da educação básica, visando assim enriquecer o nosso conhecimento teórico e compreender de forma mais ampla a realidade de um educador através das experiências práticas. Faz-se necessário ressaltar a importância do PIBID como ferramenta de estímulo e impulsionador não somente da vida acadêmica, mas, também, do espaço da sala de aula, como símbolo de valorização da formação acadêmica de docentes em sua totalidade, ao dispor de mecanismos que possibilitam a junção da teoria e da prática dos futuros docentes, proporcionando a oportunidade de explorar, compreender e presenciar o ambiente escolar ainda durante a graduação

Palavras-chave: Ambiente Escolar, Ensino de História, Experiências, PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre as experiências e aprendizagens vivenciadas no âmbito escolar através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), abrangendo duas edições do programa: a primeira de Outubro de 2022 a Março de 2024, e a segunda de Novembro de 2024 a Dezembro de 2025. Abordaremos um pouco sobre as instituições as quais estivemos atuando e algumas das principais atividades desenvolvidas ao longo do período de participação do programa, bem como os desafios encontrados.

1 Graduada do Curso de História da Universidade Católica do Salvador - UCSal, amandas.1370@live.com;

2 Graduado pelo Curso de História da Universidade Católica do Salvador - UCSal, islanprof@gmail.com;

3 Graduada do Curso de História da Universidade Católica do Salvador - UCSal, alvesnaiara355@gmail.com;

4 Doutora pelo Curso de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, josymesquita@gmail.com



Em consonância com os desígnios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o próprio currículo, que reafirmam a responsabilidade com a educação, em um compromisso “com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica” (Brasil, p. 16), além de estarmos presentes no espaço físico da escola, realizamos a observação dos mecanismos e funcionamento do ambiente escolar, bem como os planos e projetos desenvolvidos pelo corpo docente, as dinâmicas de atuação dos discentes, dentro e fora das salas de aula.

A escola se apresenta como um campo de ação transformadora, capaz de promover o desenvolvimento das potencialidades dos discentes, não somente no aspecto cognitivo, mas social, intelectual, cultural e afetivo. Deste modo, ao pisar no chão de uma escola, faz-se necessário o cuidado e os planejamentos necessários para que as devidas contribuições sejam realizadas, respeitando as particularidades históricas e sociais das realidades do local.

Segundo Escaraboto (2007), em seu artigo “Sobre a importância de conhecer e ensinar”, é necessário um novo olhar, “um olhar cauteloso para seus valores, suas aspirações e suas necessidades” (p. 134), no que diz respeito aos discentes, considerando a realidade ao qual estão inseridos, suas palavras e pensamentos.

Nesse contexto, o autor ressalta também que um dos grandes desafios da atualidade, no que tange à educação, perpassa pela dificuldade em perceber as diferentes realidades ao passo em que se faz necessário “[...] preservar valores e comportamentos indissociáveis na prática educativa de todas as épocas”, além das possibilidades que as trocas de experiências no relacionamento docente-discente podem nos inspirar a criar novos caminhos:

Poderíamos indagar: e como tudo isso seria possível? Não existe fórmula nem receita, pois, assim como cada criança é única, cada escola também o será, e o que se aplica a uma realidade pode ser ineficiente a outra. As trocas de experiências vivenciadas em diferentes contextos podem nos levar a reflexões sobre novas buscas e diferentes construções; podem nos inspirar a criar, discutir e levantar possibilidades diferentes das que estamos experimentando e que muitas vezes não dão certo. Por fim, podem nos fazer acreditar que a mudança é possível quando almejamos o diferente e o melhor e unimos forças para buscar atingir tais objetivos. (Escaraboto, 2007, p. 134).





Assim sendo, nos tópicos subsequentes iremos abordar sobre as três instituições de ensino as quais estivemos presentes – Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira, Colégio da Polícia Militar (Dendezeiros) e Escola Municipal Vida Nova –, descrevendo um pouco das experiências e ações realizadas e, por fim, falaremos sobre os desafios encontrados ao longo dessa jornada, como também como a participação no PIBID possibilitou uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre o ambiente escolar em sua totalidade.

COLÉGIO ESTADUAL DE APLICAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA

O Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira (CEAAT) localiza-se na Estrada da Muriçoca, no bairro de São Marcos, com o governo estadual da Bahia sendo a sua entidade mantenedora. O nome do colégio é uma homenagem ao intelectual e educador Anísio Teixeira, que teve um importante papel na luta pela democratização e universalização do ensino, defendendo uma educação pública, gratuita, obrigatória e de qualidade para todos.

A oferta no colégio limita-se a turmas regulares de Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino, com cinco aulas por turno, e na modalidade de Ensino Técnico de Informática, possuindo uma sexta aula e obrigatoriedade da entrega de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), contando com um instituto de informática. De outubro de 2022 a março de 2024, estivemos sob a supervisão da professora Laiane Vitória Santos Pinheiro, que possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (2019).

O colégio realiza projetos anuais para todas as áreas de ensino no decorrer do ano letivo, buscando promover a interdisciplinaridade. Para as ciências humanas, o tema do ano letivo de 2023 foi “A Luta das Mulheres - Século XVIII aos dias atuais”, com início em março, na primeira unidade, e sua culminância ocorrendo em novembro, na terceira e última unidade, coincidindo com o Dia da Consciência Negra.

A escolha do tema do projeto adveio devido ao tema da Jornada Pedagógica de 2023, “Educação e Território no Bicentenário da Independência da Bahia”, buscando destacar as heroínas Maria Felipa, Joana Angélica e Maria Quitéria.





As professoras Laiane Pinheiro e Mercia Ribeiro, respectivamente professoras de história e geografia, elaboraram o projeto, justificando a importância em se trabalhar a história e a luta das mulheres tanto no Brasil, quanto no mundo, para estimular a criticidade dos discentes enquanto cidadãos.

[...] pensamos em conjunto destacar essa temática discutindo os avanços das lutas feministas ao longo da história tanto no Brasil como no mundo. Essa abordagem é necessária no ambiente escolar para que os estudantes percebam o quanto foi importante o desenvolvimento, as articulações, e como foram necessárias para que seus direitos como indivíduo no mundo social e seus direitos como cidadão fossem (*sic*) e seja respeitado, sinalizando que essa luta não está no fim, mas precisa ser lembrada desde o seu passado para que não haja um retrocesso.⁵

Durante a culminância do projeto, realizamos uma oficina sob o tema “Luta das Mulheres Indígenas no Século XXI”, com o objetivo de pautar uma discussão sobre as mulheres indígenas e sua participação nos âmbitos político e social no Brasil do século XXI, visando, assim, romper com alguns paradigmas do senso comum e estimular a pesquisa sobre as populações indígenas. A ação foi fundamentada na habilidade EM13CHS601 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que versa sobre identificar e analisar as demandas dos povos originários, sobretudo no Brasil contemporâneo.

Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país (BNCC, 2018).

A metodologia utilizada foi a de oficina pedagógica, em que, com o auxílio de curtas documentais e material didático, pudemos evidenciar a participação ativa, além das conquistas, das mulheres indígenas na atualidade, indo contra aos mitos de que: essas populações vivem isoladas da vida urbana ou que por estarem integrados à vida urbana as populações indígenas deixariam de ser indígenas, passando por um processo de aculturação.

⁵ Citação retirada do documento do projeto apresentado à coordenação da instituição de ensino e redigido pelas professoras Laiane Pinheiro e Mercia Lília de Andrade Santos Ribeiro.





Além da oficina voltada às mulheres indígenas, foi desenvolvida uma atividade, também pautada metodologicamente em oficina pedagógica, voltada a analisar uma documentação histórica. A documentação em questão tratava-se de um conflito ocorrido na região de Saubara durante as lutas pela Independência do Brasil na Bahia. O objetivo era fazer com que os alunos percebessem a presença feminina nas trincheiras da guerra descrita pela documentação.

Para auxiliar na oficina, os alunos receberam uma ficha que indicava como questionar uma documentação histórica e, assim, fazer interpretações e obter resultados. Para que os discentes chegassem a essa fase da oficina, foi necessária uma exposição dialogada sobre o que era uma documentação histórica, assim como também uma contextualização de como Saubara esteve inserida nas lutas durante o processo de Independência, tendo em vista a sua importância nesta (Mota; Mesquita, 2025). Por fim, foi tratado sobre a participação feminina caracterizada nas figuras que ficaram popularmente conhecidas como as “Caretas do Mingau”.

Essa atividade visou estimular uma leitura atenta dos discentes, a criticidade, assim como o fortalecimento de novas historiografia sobre o processo de Independência, para a história escolar, já que por muito tempo esse campo foi marcado pela historiografia tradicional, como pontua Costa (2019):

A Historiografia brasileira já se debruçou por inúmeras produções acerca da temática sobre a Independência do Brasil, tornando-se um dos temas mais visitados e revisto, no entanto, observa-se que estas produções, em sua maioria, constroem argumentos e análises imbuídas de visões limitadas, que supervalorizam questões econômicas, políticas e sociais das camadas mais ricas (Costa, 2019, p. 20)

Com o intuito de corroborar com o projeto sobre as mulheres, buscou-se ressaltar a presença feminina no processo independentista visto que, diante do cânone onde se existe diversos heróis masculinos, pouca visibilidade é dada às participações femininas na Guerra, dado que “o debate historiográfico privilegiou alguns aspectos, vistos como legítimos ao processo e negligenciou outras interpretações e outros atores sociais igualmente importantes para considerar o contexto” (Costa, 2019, p. 20).





Deste modo, a proposição da atividade não só fez jus à memória heróica das mulheres saubarenses, como também contribuiu para combater a desigualdade de gênero, dentro do ensino de História, apoiando-se, assim, no Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB). Considerando que o documento aponta para “[...] uma sociedade extremamente desigual e estratificada segundo noções de raça, gênero, origem territorial e acesso ao poder” (Bahia, 2022, p. 213).

O ensino de História deve, neste sentido, intensificar o seu papel em busca da formação de sujeitos capazes de questionar e transformar a realidade posta pelos diversos tipos de desigualdade. Sob essa ótica, a ação buscou promover o debate, criou identificação de diversos sujeitos com as mulheres supracitadas, como também estimulou a consciência crítica referente às mulheres e as suas lutas por direitos.

No fim da oficina, alguns alunos foram à frente indicar onde era possível notar a presença feminina na documentação, muitos desses conseguiram alcançar o objetivo proposto pela oficina, indicando que a proposta pedagógica alcançou a meta almejada.

COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR - DENDEZEIROS

O Colégio da Polícia Militar – Dendezeiros (CPM) localiza-se na Av. Dendezeiros do Bonfim, Nº 86, no bairro do Bonfim, foi a primeira unidade escolar da política militar criada em Salvador/BA através do decreto de Nº 16.765 em 1957, pelo governador Antônio Balbino. Segundo o art. 2º do decreto, o objetivo era “[...] propiciar a instrução aos filhos dos militares e civis servidores públicos estaduais, municipais e federais, de acordo com os ciclos e programas do Ministério da Educação” (Bahia, 1957).

O CPM oferta ensino fundamental anos finais e ensino médio nos turnos matutino e vespertino, e opera sob um modelo de gestão compartilhada entre o Instituto de Ensino da Polícia Militar e a Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Possuindo, atualmente, dois gestores: o diretor militar Carlos Eduardo, e a diretora pedagógica Maria do Carmo Costa. De novembro de 2024 a dezembro de 2025, estivemos sob a supervisão do professor Juliano Leví Santos Messias, mestre em Ensino de História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2025).





Com base no subprojeto institucional do PIBID, voltado a educação antirracista, desenvolvemos um plano de ação sob o tema “Memórias Pretas: uma educação antirracista a partir de patrimônios históricos”, em que o nosso objetivo foi ressignificar as narrativas em torno dos patrimônios da Cidade Baixa, em Salvador/BA. Os patrimônios escolhidos foram a Basílica do Nosso Senhor do Bonfim e a Lavagem do Bonfim, e a escolha se deu pela proximidade geográfica com o colégio.

A metodologia utilizada foi o modelo de oficina pedagógica, pautada em uma abordagem quanti-qualitativa. Contextualizamos as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais aos discentes, após questioná-los sobre seus conhecimentos prévios acerca do tema, e exibimos vídeos curtos autorais que contavam a história de ambos patrimônios supracitados. Após esse momento expositivo, realizamos uma pequena dinâmica interativa com plaquinhas.

Abordamos esse plano de ação de forma mais detalhada em artigo próprio, que está em processo de submissão para publicação, sob o título “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS A PARTIR DE PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS SOB UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA”.

ESCOLA MUNICIPAL VIDA NOVA

A Escola Municipal Vida Nova está situada na Rua Via Local, Nº 140, Lauro de Freitas/BA. Com um nome que aposta em um futuro sempre melhor, a localidade de Vida Nova/Caji, município de Lauro de Freitas, é uma “fazenda urbana” em crescimento desordenado sob disputa territorial recente de centenas de pessoas, como revela o Projeto Político Pedagógico (2024) da escola ao relatar um pouco sobre a história da instituição.

Atualmente, a Escola Municipal Vida Nova oferta turmas regulares do ensino fundamental anos finais, nos turnos matutino e vespertino, e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no noturno, com cinco aulas por turno – exceto às quintas-feiras, pois nesses dias os alunos possuem seis horários e as aulas são reduzidas para 40 minutos. A escola destaca-se, também, por possuir um Atendimento Educacional Especializado (AEE).





Outro fator muito importante, é que uma das particularidades da Escola Municipal Vida Nova é o atendimento aos alunos quilombolas, pertencentes ao Quilombo do Quingoma, situado em Lauro de Freitas e considerado o primeiro território Iorubá do Brasil:

A Escola Municipal de Vida Nova atende aos discentes provenientes de diversas comunidades do seu entorno, possuindo em suas imediações, na localidade de Quingoma, uma comunidade de remanescentes quilombolas e uma reserva indígena. A história, cultura, os saberes locais e as práticas sociais dos Quilombolas do Quingoma e da reserva indígena, assim como a ancestralidade e territorialidade, se constituem em um tipo específico de conhecimento que precisa ser adentrado e valorizado no currículo escolar, tendo em vista a obtenção de processos de ensino-aprendizagem mais contextualizados e significativos para os discentes (Projeto Político Pedagógico, 2024).⁶

Os primeiros contatos com a escola, bem como a realização das atividades e participações das dinâmicas do corpo docente da escola, foram iniciadas no primeiro semestre de 2025, com o início do ano letivo no mês de março. Durante o período de participação, estivemos sob a supervisão do professor Clássio Santos Santana, mestre em História pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2014), especialista em Estudos Étnicos e Raciais: Identidades e Representação.

Visando conhecer o ambiente escolar em sua totalidade, uma das primeiras instruções recebidas foi a de visitar as dependências da escola e observar o funcionamento dos espaços e as interações que se estabelecem entre os discentes e a escola, para que pudéssemos desenvolver as nossas estratégias de atuação, de modo a contribuir, através de intervenções orientadas, com o funcionamento da escola.

Atendendo aos desígnios da lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, a Escola Municipal Vida Nova contempla, em seu currículo, a disciplina de Cultura Afro-brasileira e Indígena ministrada pelo prof. Me. Clássio Santana. Destacando-se, dessa forma, como a primeira escola da rede municipal de Lauro de Freitas a construir um currículo com essa disciplina, especificamente, para além da disciplina de História regular.

⁶ Citação retirada do Projeto Político Pedagógico da escola, disponibilizado aos pibidianos do núcleo pelo supervisor prof. Me. Clássio Santana.





Uma das experiências mais significativas vivenciadas no ambiente escolar ocorreu durante o desenvolvimento do projeto das Personalidades Negras, que culminou na construção de um mural expositivo por parte dos alunos. Visando o fortalecimento das identidades, bem como despertar o sentimento de pertencimento dos discentes, o prof. Me. Clássio Santana elaborou um projeto voltado para as Personalidades Negras, que foi trabalhado com os alunos do sexto ano.

Assim sendo, a metodologia adotada voltou-se para a importância da investigação e pesquisa no ensino de História, com a solicitação de uma pesquisa sobre as Personalidades Negras, contribuindo para que os discentes pudessem conhecer a história destas, bem como a pinturas das imagens dessas personalidades para trabalhar os elementos imagéticos e de reconhecimento através da cor da pele.

Segundo o Diário Oficial do Município (2024), em suas orientações para a Educação para as Relações Étnico-raciais em Lauro de Freitas, é de suma importância trabalhar as questões de identidade, mediante a contribuição da população negra e indígena, respeitando a diversidade cultural que sempre esteve presente na história do povo brasileiro. Nesse sentido, o chão da escola apresenta-se como:

[...] lugar de construção do conhecimento da identidade e de valores individuais e coletivos, é também lugar onde o ser humano adquire características morais e identitárias de acordo com sua identidade, tornando-se capaz de ir, por meio dos conhecimentos adquiridos para o enfrentamento das políticas opressoras e de discriminação (Diário Oficial do Município, 2024).

Objetivando o conhecimento e reconhecimento das contribuições sociais, culturais e históricas de cada uma das personalidades, nos mais diversos espaços sociais e culturais, foi solicitado aos discentes que pesquisassem sobre as personalidade negras selecionadas pelo prof. Me. Clássio Santana. Após a pesquisa, os discentes realizaram as pinturas das personalidades, bem como a elaboração de um mural com legenda informativa com os nomes e as histórias das personalidades expostas, disposto nas dependências da escola.





Um dos pontos observados durante a pintura das imagens dessas personalidades foi a paleta de cores escolhida pelos discentes, quando estas eram utilizadas para explicitar a cor da pele. Observou-se, satisfatoriamente, que sem que houvesse a nossa intervenção ou solicitação, os discentes utilizaram as cores que identificam a pele preta durante os processos de pintura. Evidenciando, desta forma, a compreensão da representatividade da identidade negra, em detrimento de uma visão colonial, racista, que relegou uma imagem distorcida e cruel sobre o povo preto.

Dentre as personalidades explicitadas, estavam várias mulheres negras, símbolo de luta e resistência como: Lélia Gonzalez, Dandara, Dona Ivone Lara, Tereza de Benguela, Marielle Franco, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e Angela Davis. Além de Bob Marley, Nelson Mandela, Machado de Assis, Luiz Gama e Vini Jr.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas nossas experiências decorrerem de três instituições de ensino diferentes, com propostas diferentes (uma escola estadual, uma militar e outra municipal) e localizadas em bairros e municípios diferentes uma das outras, os universos presentes em cada uma delas são diferentes entre si. Na escola estadual e municipal, nós encontramos inúmeras dificuldades em decorrência do sucateamento e da falta de investimento na educação.

A exemplo, podemos destacar a ausência de um plano de nivelamento de aprendizado e, no caso do CEAAT, a distorção idade-série. Ambos prejudicam o trabalho pedagógico do professor em sala de aula. Também podemos citar que, no ano em que estivemos atuando no colégio, em 2023, havia a ameaça de transferência de inúmeros alunos em decorrência da ausência e não substituição de professores que estavam afastados/de atestado por parte da Secretária de Educação. Em relação ao CPM, apesar da direção militar não se envolver diretamente nas decisões da direção pedagógica, ainda é perceptível o viés militarista.

Outro ponto que merece ser destacado é que, no que tange às novas metodologias educacionais, muito do que nós, licenciandos, aprendemos, produzimos e pesquisamos no espaço acadêmico ainda está restrito aos muros das universidades. A realidade do dia-a-dia da





educação básica ainda é, majoritariamente, do ensino tradicional e expositivo e de um extremo despreparo quando se trata da Educação Especial e Inclusiva na prática.

O PIBID se mostrou essencial em nossas formações em múltiplas facetas, haja vista o programas possibilita aos graduandos desenvolver uma relação de pertencimento com o seu campo de atuação. Outro ponto positivo, é que através do programa conseguimos estreitar os laços entre o universo escolar e acadêmico, viabilizando que as novas descobertas historiográficas cheguem mais rapidamente as salas de aulas, como foi o caso das pesquisas sobre Saubara apresentadas no CEAAT. Esse entrelaçamento impulsionou, assim, práticas educacionais diversas, estimulando a criatividade dos futuros docentes na tentativa de que as pesquisas se tornem acessíveis aos estudantes da educação básica.

Em suma, é essencial compreender o ambiente escolar em sua totalidade, considerando as dinâmicas e interações que se desenrolam dentro deste. Reconhecer as necessidades a partir do processo de observação e intervenção viabilizadas pelo programa, ajuda na adaptação das práticas de ensino às necessidades específicas de cada escola e turma, além de oportunizar novos questionamentos acerca do processo de ensino-aprendizagem. Isso inclui o estabelecimento de relações de confiança e o desenvolvimento de atividades que promovam o interesse e a participação dos estudantes de maneira ativa.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos nossos supervisores por todo o apoio, orientação e ensinamentos em todo o nosso processo de formação através do PIBID durante esses três anos que estivemos atuando: a prof. Laiane Pinheiro, o prof. Me. Juliano Messias e o prof. Me. Clíssio Santana. Chegamos a essa etapa final da nossa formação confiantes que iremos nos tornar profissionais mais completos e capacitados em decorrência dessas experiências.

Também gostaríamos de agradecer a nossa orientadora profa. Dra. Josenilda Mesquita, por acreditar em nosso potencial e ter nos acolhido de forma tão humana e afetuosa. A nossa trajetória acadêmica não teria o mesmo resultado sem o seu incentivo e apoio. Nós esperamos nos tornar profissionais que sejam ao menos uma fração do que você é!





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BAHIA. Secretaria de Estado da Educação. Documento curricular referencial da Bahia para educação infantil e ensino fundamental: volume 2. Salvador: Secretaria da Educação, 2022.

COSTA, Tamires Conceição. A independência do Brasil na Bahia: memória e patrimônio no Recôncavo. 2017. Relatório final (Mestrado Profissional em História da África, Diáspora e Povos Indígenas) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.

ESCARABOTO, Kellen M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 133–146, 2007.

Governo do Estado da Bahia (Bahia). 09 de abril de 1957. Decreto N. 16.765, Salvador: Diário Oficial, ano XLI, n. 4873, 17 abr. 1957.

MOTA, Islan Lucas Cruz; MESQUITA, Josenilda Pinto. A atuação do vigário Manoel José Gonçalves Pereira, da freguesia de Saubara, na Independência do Brasil na Bahia (1820-1823) **Cordis**: Revista Eletrônica de História Social da Cidade de São Paulo, v. 35, ed. esp., e72589, 2025. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-4174.35.2025e72589>

